

A ARTE NA EDUCAÇÃO E NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Antonio Reinaldo Santos Alves¹
Taíse dos Santos Alves²

“Todas as artes contribuem para a maior de todas as artes, a arte de viver”
“Quem não está disposto a escutar não deve ensinar, o professor deve ensinar a escutar”
Bertold Brecht

RESUMO: As discussões sobre o ensino da arte necessitam apontar para as realidades culturais, sociais e econômicas vivenciadas pelos educandos nos mais diversos lugares no Brasil. Suas perspectivas metodológicas, relevâncias e aplicabilidade na educação devem ter como pano de fundo o que as comunidades onde estão inseridas as escolas veem como artes e de que formas as demais realidades vivem e convivem com as artes, para que esta não se torne algo elitista e distante de um público. Sobretudo quando pensamos no ensino de artes na Educação de Jovens e Adultos, percebemos ainda um campo ausente de discussões e de propostas. Queremos aqui, partindo de nossos conhecimentos sobre EJA, fomentar as intervenções já existentes e propor uma possibilidade de aporte metodológico. A Arte é pensada aqui numa perspectiva de formação humana e quais seriam os rumos e caminhos da arte na EJA.

Palavras-Chave: Artes, Educação, Ensino de Artes, EJA

1 INTRODUÇÃO

A educação deve contribuir para a formação integral dos sujeitos, não apenas no ponto de vista das aprendizagens de conteúdos, mas também que estes venham a ser usados em sua vida prática, nas relações de trabalho e no dia a dia. A formação intelectual também passa pelos sentidos, pelo admirar o que é belo, pela satisfação sentida ao ouvir uma boa música, de sorrir ao assistir uma peça de teatro, pelo movimento do corpo durante a dança. Todas essas expressões nos dão a conhecer um universo que nossos sentidos nos ajudarão a compreender e experienciar.

A Arte nos ajuda nisso; ela não pode ser vista apenas como diversão, mas sim ponto de partida para reflexões da vida e da existência do homem e da mulher como ser social e inserido em uma comunidade. As expressões artísticas que pontuamos acima contribuem para que vejamos o mundo pela sua ótica, aguçando nossa sensibilidade e fazendo com que, observando a questão trazida pela dança, pela música, pelo teatro ou pelas artes plásticas, adentremo-nos ao

tema discutido e coloquemos nossa posição.

Para viver bem a Arte, é necessário experienciá-la, sentir aquilo que ela nos traz e perceber como podemos usar suas impressões em nossa vida. Mas como podemos experimentar essa arte que não está apenas nos conceitos artísticos? Como compreendê-la? Se o ponto de partida para compreender a arte é a experiência, Larossa (2002, p. 21) nos fala de uma experiência vivenciada e presente na dimensão artística:

A experiência é o que nos passa, e o que nos acontece, o que nos toca. Não o que passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LAROSSA, 2002, p.21)

A arte nos toca e nos comunica algo novo, ou nos apresenta algo já conhecido de outra forma. Podemos fazer experiência daquilo que conhecemos, e a Arte não é algo que está distante de nós. Arte não é só o que os artistas fazem e que para vermos precisamos pagar um preço muitas vezes alto e fora da nossa realidade socioeconômica, todo ser humano é dotado da capacidade de fazer arte, pois Arte é toda atividade criada

¹ Pedagogo, Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela UFBA rei.liga@gmail.com

² Licenciada em Geografia, Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela UFBA taisealves85@gmail.com

e carregada de sensações, impregnada das vivências pessoais e comunitárias dos sujeitos, acentuada de uma estética que tem a capacidade de se prolongar e de se renovar, proporcionando a transmissão de sentimentos e emoções (AURÉLIO, 2000).

Observando esse conceito de Arte, podemos perceber que fazer arte ou ser artista não é função de 'pessoas iluminadas', mas de pessoas que vivem e expressam, das mais variadas formas, sua vida, sua história e fazem disso conteúdo para reflexão e discussão de outras vidas e de outras histórias. Os livros publicados, as peças teatrais, as músicas, as novelas e outras expressões têm sempre o cotidiano como pano de fundo. Vemos se falar de brigas, de namoros e casamentos, de dramas pessoais, e quem vive isso são as pessoas, então a arte é uma atividade própria do ser humano, ele é ao mesmo tempo protagonista e executor desta; neste sentido, a arte está presente em nossas vidas.

2 CONTEXTUALIZANDO A ARTE NA EDUCAÇÃO E NA VIDA

Tudo o que vivenciamos se torna educação, pois todos os conteúdos apreendidos na escola estão enraizados na história da humanidade. Como a arte também nasce desta, então falar, aprender, e ensinar arte podem e devem ser feitos no ambiente escolar. Se estudar arte na escola passa pelo mesmo processo do conhecimento da vida dos indivíduos, esse conhecimento deve partir da experiência vivenciada, ou, no caso da escola, refletida e aprendida a partir das discussões de professores e educandos. Neste sentido, Spolin (1963, p. 4), ao nos falar sobre a arte na educação, traz-nos a questão da experiência como um fator preponderante.

Experienciar é penetrar no ambiente é envolver-se todo e organicamente com ele. Isto significa envolver todos os níveis: intelectual, físico e indutivo. Dos três o indutivo que é o mais vital para a situação de aprendizagem é negligenciado. (SPOLIN, 1963, p.4)

A aprendizagem da arte deve acontecer na medida em que cada educando

vai tomando consciência de sua ação social e de sua pertença a uma realidade, e de que ele pode concretamente refletir essa realidade fazendo arte, mostrando que ele e a comunidade onde está inserido fazem arte e expondo isso ao mundo. Arte não é dom, e sim forma de fazer cultura, de expressar a vida, de se contar as histórias, de se mobilizar para as mudanças na sociedade., Então, fazer arte é direito e dever de todos e, por conseguinte devemos vivê-la e aprendê-la na escola.

Durante algum tempo, pensou-se arte na escola como uma ferramenta para a descoberta de dons e para incentivar 'futuros artistas' a seguirem em frente, pois só podia viver da arte quem fosse dotado de um 'dom' extraordinário e que impressionasse a todos. Os demais alunos eram, muitas vezes, forçados a fazer arte fora de suas realidade, ou até confundir arte com geometria, juntando tudo. -Isto vimos durante muito tempo nas disciplinas de Educação artística, onde conceitos de artes eram disponibilizados juntos aos conceitos de desenho geométrico. A arte era pensada não apenas em seu aspecto estético, mas também era associada a uma atividade prática, ao desenho geométrico, e que podia ser usada para o trabalho. (BRASIL, 1997)

O ambiente escolar também proporcionou o encontro de pessoas para fazer artes, e para usar a arte como sinal de manifestação por melhorias na sociedade e na vida política do país. Quantos estudantes nos centros acadêmicos de universidades ou nos grêmios das escolas usaram o teatro e a música para retratar a realidade vivida pelo Brasil nos chamados 'anos de chumbo'? A arte virou instrumento de democracia e de reflexão para se compreender o que se passava e procurar meios de enfrentamento.

Essa união de arte e vida é bem nítida nos tempos de guerra, pois só a arte tem o poder de abrir a boca dos que são oprimidos e denunciar as atrocidades passadas pelo povo. Muitos artistas em nosso país foram calados, tendo suas obras censuradas, pois elas levavam o povo a perceber o que verdadeiramente acontecia e os convocava para reivindicar mudanças. Outros até foram exilados e mortos por querer fazer da arte um instrumento de revolução. Isso não só no

Brasil, mas em diversos países do mundo, somente pela arte, o povo sofrido e oprimido por sistemas de governos autoritários podia apresentar sua indignação e pedir mudanças.

3 A ARTE NA EDUCAÇÃO...

Muito se tem discutido e se pensado sobre como podemos melhor abordar o ensino de arte em nossas escolas. A LDB de 1996 (LEI 9.394/96) apresenta o ensino de artes como obrigatório e que este proporciona o desenvolvimento cultural e intelectual dos estudantes. Observamos aqui uma função específica da arte, o desenvolvimento cultural, reforçando a ideia de que a arte está intrinsecamente ligada à vida e história dos sujeitos, pois a cultura é um produto social, criada pelos homens e mulheres e vivida por eles.

O caráter obrigatório do ensino de artes não deve estar ligado a forçar o aluno a fazer alguma linguagem artística, mas sim para dar seriedade a esse estudo, pois, ainda hoje, existem pessoas que veem a arte como algo inferior e não como uma ciência capaz de apresentar sua contribuição consistente para reflexão e mudança da sociedade.

O objeto de ensino da arte é a cultura e a vida dos educandos, pois arte é o produto feito pelos homens e mulheres imersos em uma cultura. A arte na escola deve também seguir por esse caminho, de refletir a vida e a cultura do povo, que constroi, a cada dia, novas propostas. Atualmente, a proposta mais usada para o ensino de arte é a formulada por Barbosa (2005), denominada Proposta Triangular do ensino da arte. Esta nos indica a contextualização como um dos principais meios para se ensinar e se aprender arte, tendo como meio central dessa contextualização as experiências dos educandos, que são expostos a um conhecimento cuja compreensão se dará a partir das relações estabelecidas entre a arte e o público desta.

A proposta triangular vem sendo usada, pois ela propõe ensinar artes partindo de três pontos: ler obras de arte, fazer artes e contextualizar (BARBOSA, 2005). O necessário para se entender artes não é imergir os estudantes em conceitos das

linguagens artísticas, e sim trazer à sala de aula as obras de variados autores para que cada um perceba a forma da arte, e que eles possam também fazer arte a partir do visto, tomando como base suas experiências, contextualizando sua vida e fazendo dela arte.

Esta contextualização se dará quando os educandos se perceberem sujeitos artísticos, também possuidores de talentos para não só observar, mas para fazer arte. Barbosa propõe

que se contextualize a obra de arte não só pela via da história, social, biológica, psicológica, ecológica, antropológica etc, pois contextualizar não é só contar a história de vida do artista que fez a obra, mas estabelecer relações dessa ou destas com o mundo ao redor, é pensar somente a obra de arte de forma mais ampla. A leitura da obra de arte (que recentemente tem sido chamada de apreciação) propõe uma leitura do mundo e de nós neste mundo, uma leitura que, é na verdade, uma interpretação cultural. (BARBOSA, 2005, p 143)

O ensino da arte na escola parte da relação contextualizada da obra apreciada e da vida do autor com a cultura e a vida dos educandos que estão estudando e vivenciando esta obra. Toda contextualização advém da cultura dos sujeitos – autor e expectador da arte –, ambos então inseridos em uma realidade que oferece subsídios para se tomar posições e decisões que influenciem na atividade artística do ponto de vista do autor, e de compreender e refazer a arte, do ponto de vista do estudante.

A contextualização não seria, nesse caso, uma reprodução do que já foi feito, e sim uma atualização, haja vista as experiências e realidades dos sujeitos envolvidos. Ao ler a obra de arte, o educando é envolvido em seu universo e, a partir dessa leitura, o professor discute com ele a obra, suas impressões e, nesta discussão, vai apresentando os conceitos artísticos implícitos nesta. Partindo dessa discussão, o educando é convocado a fazer arte, embebido de sua experiência e seu saber sobre os conceitos de arte, podendo, então,

passar de expectador a criador de sua obra.

4 ...ENA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Assim como nas demais modalidades educacionais, o ensino da arte na Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve partir de duas realidades: as experiências dos educandos e sua cultura. A dimensão artística, nesse sentido, nascerá quando os educandos se perceberem como indivíduos também capazes de observar, contextualizar e fazer Arte, e que ela está cada vez mais próxima de suas realidades. Duarte Junior (2000) vai nos apresentar que essa arte tem ligação com a vida do sujeito que a observa e que interfere nela, a partir de suas experiências.

Ver as coisas do mundo, portanto, consiste numa experiência, na medida em que elas se nos mostram presentes, postando-se frente ao nosso corpo. Já olhar uma imagem não possui este caráter inteiriço da experiência, dado não se poder alterar, frente a ela, distâncias e perspectivas em relação ao representado; isto, sem contar os outros sentidos, que também se acham envolvidos numa verdadeira experiência, bem como as evidentes distorções do real verificadas em toda e qualquer representação imagética, seja ela obtida por que meio for. (DUARTE JR. 2000 p. 101)

A experiência de mundo se torna o principal fator para se compreender a arte, pois toda atividade artística tem seu nascedouro nas realidades do mundo. O que mais o educando de EJA pode trazer de maneira substancial para contribuir no seu processo de ensino-aprendizagem é sua experiência de vida. Este educando é um ser humano ativo em sua sociedade e capaz de compreender uma obra de arte, partindo de seus conhecimentos prévios e de sua vida. Ao ler uma obra de arte, ele adiciona sua memória e percebe, nesta, pontos de reflexões e de encontros com algo que ele já viveu, fazendo uma leitura contemporânea daquilo que está em sua frente.

Mas para que o professor possa levar seu educando a entender que arte é algo

possível para ele, e que possui condições para compreendê-la e construí-la, é necessário mostrar-lhe que a arte não está distante, e sim próxima dele, inserida numa cultura, e que ele é um sujeito cultural. Viver a cultura é um fator importante, sendo dever do professor ajudar seu estudante a se perceber participante de uma realidade que lhe oferece meios para traçar caminhos para sua vida e sua aprendizagem.

A cultura também precisa ser vista como conhecimento a ser refletido na escola, partindo do ponto que não existe uma cultura superior que cultura encontrada nos bairros onde os educandos residem não seja menos favorecida do que a cultura a vivida pelos que residem em bairros nobres. Cultura é a vivência de cada indivíduo em comunidade e o produto das relações estabelecidas por cada uma das histórias de vida desses indivíduos que constroem os meios de subsistência, os costumes, as tradições, e fazem com que as heranças sejam perpetuadas. Portanto, a cultura é um produto social, que sofre influência do ambiente, mas nunca deve ser usada para fazer juízo de valor.

Fazer arte é entender as realidades com um olhar mais apurado, ou diferenciado. Muitas vezes, os educandos de EJA não querem fazer arte, pois não acham que tal atividade faça parte da educação. Eles muitas vezes têm uma visão contorcida, pensando ser a arte fútil e que não contribui em nada. É preciso aguçar os sentidos para ver a arte com os olhos completos, desnudos de preconceitos e falsos moralismos, fazendo com que cada estudante adentre a grandiosidade que as linguagens artísticas propõem, por meio de uma compreensão pautada naquilo que se quer entender. Duarte Junior vai nos trazer as questões do "sentir" primeiro o que vem a ser a arte, para depois chegarmos a uma concepção do que verdadeiramente ela seja.

Aqui se insistirá, pois, na necessidade atual e algo urgente de se dar maior atenção a uma educação do sensível, a uma educação do sentimento, que poder-se-ia muito bem denominar *educação estética*. Contudo, não nesse sentido um tanto desvirtuado que a expressão parece ter tomado

no âmbito escolar, onde vem se resumindo ao repasse de informações teóricas acerca da arte, de artistas consagrados e de objetos estéticos. Trata-se, antes, de um projeto radical: o de um retorno à raiz grega da palavra “estética” — aisthesis, indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado. (DUARTE JR. 200 p. 15)

O observado aqui é perceber que a arte não tem apenas uma dimensão intelectual, dos conhecimentos de conteúdos a serem depois colocados em prática. Conhecer as linguagens, os conceitos, o surgimento e a contemporaneidade da arte dá aos educandos as ferramentas básicas para distinguir as variações artísticas, saber qual é o autor desta obra e poder perceber a qual escola de arte ela pertence. O estudante poderá ter a capacidade de compreender o que e onde a arte toca na sua existência a partir da dimensão estética.

Para se entender a dimensão estética da arte, é necessário partir da experiência de vida pessoal e cultural, trazer as emoções e a sensação do que está sendo vivido neste momento. É preciso olhar a obra de arte – seja a escultura, a música, o teatro ou a dança – para além das características físicas. Só pela sensibilidade, pela aproximação e pelo toque é que a arte será melhor interpretada.

Suscitar isso em nossos educandos é de suma importância, para que estes não vejam a arte como algo distante deles, e sim ao seu alcance, relacionando-se com o seu cotidiano. Ensinar arte na EJA não é difícil, mas requer adentrar um ambiente considerado distante para muitos educandos, pois só se entende arte fazendo-a, sendo mais que necessário exercitar a arte neles. É essencial proporcionar a cada educando variadas formas de artes e suas linguagens, trabalhando cada uma a partir da realidade cultural. Torna-se necessário saber deles como a arte apresentada lhe toca e como pode refletir em sua vida, bem como perceber os caminhos feitos por cada autor para desenvolver a obra e chegar ao produto final, o recebido por ele.

5 ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS

Segundo Penteado e Puig (2005) a arte opera no campo da intuição e se apoia na experimentação, caminho pelo qual é possível ao artista criar novas formas, expressões e reflexões para os conflitos humanos. Desse modo, é necessário, ao professor de artes, manter uma postura aberta em relação às práticas, técnicas e procedimentos em sala de aula. O ensino de artes na EJA deve se preocupar em associar e sistematizar, junto aos alunos, os saberes específicos da área de arte. Para isso, é preciso tirar da mente de alguns estudantes o preconceito sobre o que é arte e quem pode fazê-la.

Mas como fazer com que os educandos entendem que todos podem fazer artes? O primeiro passo é tornar as obras e expressões artísticas mais próximas aos estudantes, seja por foto, audição, visita a museus, leitura de peças, entre outros. É necessário mostrar que o universo das artes está ao alcance de todos, e que sala de aula também é lugar de artes. Neste sentido, o trabalho com artes nas classes de EJA, segundo Penteado e Puig (2005), deve partir dos seguintes aspectos: Conceituais – principal mensagem da obra de arte; Conceito – ideia central expressa na obra; Procedimentais – saber fazer artes; e Atitudinais – desenvolvimento a partir das artes.

O primeiro contato do educando com a obra ou expressão artística deve partir dos conceitos e motivos que fizeram esta obra deixar de ser um sonho e passar a ser realidade. É preciso fazer com que cada estudante possa compreender o que representa aquela produção artística e as formas de comunicação que foram utilizadas, levando em consideração termos sociais e políticos, bem como as técnicas usadas pelo artista para conseguir passar a mensagem. É necessário, ainda, apresentar os conceitos artísticos específicos de cada obra, partindo daquilo que o educando compreende e associando esses conceitos aos de outras ciências, como História, Geografia e Língua Portuguesa, especificamente, a fim de que ele perceba o caminho das Artes associado à

evolução dos seres humanos. Isso pode ser feito oferecendo possibilidades dessas obras serem interpretadas por diversas teorias, contribuindo para a consolidação do espírito crítico e propondo a associação dessas discussões com as crenças pessoais de cada um.

O educando, entendendo os conceitos sobre determinadas expressões artísticas, pode, ele mesmo, pensar em ensaiar fazer também artes, seguindo as orientações do professor - este seria o aspecto Procedimental. O fazer artes, neste sentido, estará ligado ao aspecto Atitudinal, no qual se observa como essa expressão artística pode contribuir para o desenvolvimento pessoal de cada estudante. Arte só se faz na escola se essa for contemplar a realidade cultural. Quando educando e professor percebem-se capacitados a, sob a ótica da sua cultura, produzir artes, essa ação deixa de ser algo distante e toma corpo em meio a metodologias de ensino-aprendizagem.

A produção artística em sala de aula contribui para a consolidação da autoconfiança em se colocar, segundo suas próprias representações; aumenta a capacidade de se relacionar com o outro, de compreender e respeitar a representação do outro, dando assim às artes um caráter comunitário. Não existe somente um indivíduo capaz de fazê-la, mas toda a comunidade é convidada a se envolver e apresenta condições de se expressar artisticamente, usando as diversas linguagens.

A grande questão para Ensino de Artes é a apropriação, pelos professores, dos conteúdos das linguagens artísticas. Observamos a tendência dos docentes a apenas trabalharem a linguagem a que esses estão mais habilitados, não havendo uma abordagem de todas as áreas. É uma questão que não é inicialmente culpa do docente, pois não se pode pedir a um professor licenciado em teatro que verse questões relacionadas à música ou a artes plásticas; seria necessário que cada escola tivesse, ao menos, dois profissionais habilitados a lecionar duas linguagens artísticas, o que pouco existe.

Vamos, aqui, pontuar algumas intervenções metodológicas, abordando o Ensino de Artes em suas diferentes linguagens: artes visuais, dança, teatro e

música, tomando como base as expressões culturais dos educandos, pois, como nos apresenta a proposta curricular para o ensino de EJA (RIBEIRO, 1999), a dimensão cultural existente na comunidade onde a escola e os alunos vivem pode ser o primeiro fator para o ensino, e também para o ensino de artes, mas, especificamente para as artes, não se pode resumir às contribuições artísticas ligadas à comunidade local.

O trabalho com artes visuais é o que necessita de um maior tempo nas discussões sobre os conceitos, visto que pode abrir diversas possibilidades ao professor da EJA. Estas artes facilitam seu trabalho, pois elas englobam uma série de expressões que vão desde esculturas, artefatos e pinturas até as expressões mais contemporâneas, como as artes gráficas, cinema e televisão. Além disso, o trabalho com essa linguagem tende a utilizar as demais linguagens quando se trata, principalmente, do cinema e da televisão. Deve-se, também, levar em conta que os educandos a todo instante veem variadas obras artísticas, através de gravuras, leitura de livros, assistindo a reportagens ou até andando pelas ruas da cidade.

É preciso um especial enfoque, para que não se seja empregado juízo de valor, onde tal artista é mais importante que outro e sua obra então tem maior valor comercial. Para o trabalho com artes visuais, é de fundamental importância associar suas informações às discussões trazidas em História. Perceber o desenvolvimento artístico em cada período da história da humanidade ajudará o educando a observar o porquê de determinada obra ter um maior valor comercial do que outra, bem como observar o surgimento de novos artistas e novas expressões, o que somente vem a ampliar o horizonte artístico de cada um.

As questões culturais são colocadas para, inicialmente, dar um destaque para aquilo que muitos não achavam ser arte, como a Xilogravura, as Carrancas do rio São Francisco, o trabalho com as Rendas, entre outros. É preciso dar, a essas expressões mais próximas aos estudantes, as mesmas significações dadas àquelas expressões tidas "tradicionais" como fator para a quebra de paradigmas sobre a valorização das artes construídas a partir da cultura popular.

Na linguagem da Dança, o primeiro passo para o professor é fazer com que os educandos se sintam livres para trabalharem com o seu corpo, na maioria das vezes, cansado após um dia inteiro de trabalho. A dimensão da corporeidade no ensino da EJA é fator fundamental para a o dançar em sala de aula, seja uma atividade lúdica, mas que desperte, ao mesmo tempo, um senso crítico e seja compreendido como importante nas condições de ensino-aprendizagem.

O toque no corpo com certeza é um tabu a ser superado, pois a nossa sociedade ainda vê o tocar-se como impróprio ou privado a poucos. Quando se trabalha com a dança, meche-se e remeche, toca-se o corpo do outro, tocam-se os corpos, de forma que isso não seja invasivo e o dançar possa expressar de forma mais livre nossas alegrias, emoções e até mesmo tensões.

O trabalho com a dança é intrinsecamente ligado ao trabalho com a música, e, neste sentido, usar as danças e músicas próprias da cultura como pontapé para o uso dessas linguagens colabora ricamente, pois os estudantes, no seu dia a dia, cantam e dançam esses ritmos e eles próprios podem contribuir ensinando passos e canções não conhecidas pelos professores.

Proporcionar apresentações de dança e música como também a realização de festas, bailes, encontros culturais e folclóricos com a participação da comunidade desperta o interesse por fazer melhor aquilo que antes não se pensava ser aula e muito menos artes, trazendo também os ritmos e danças como Forró, Samba, Pagode e outros, bem como os instrumentos musicais, que retratam a realidade da arte a partir da cultura.

Mas é preciso ampliar as discussões sobre música e dança para além do que está ao alcance dos educandos pela via cultural. Apresentar instrumentos musicais novos, utilizados para outros ritmos e danças, aumenta o conhecimento artístico e, muitas vezes, adentra um universo totalmente desconhecido, como o conhecimento sobre ópera, música clássica e concertos, levando os estudantes a espaços onde essas expressões artísticas são realizadas, oferecendo o contato direto com os artistas e a produção destes. Também pode-se modelar construções de danças e pequenos

musicais em sala de aula, onde esses ritmos sejam trabalhados.

O teatro é apresentado aqui como última linguagem, não por ser a menos importante, mas aquela que tem a capacidade de trazer para si as discussões e aplicações das demais linguagens artísticas. Nele temos dança, música; ele é vinculado comercialmente através do cinema e da televisão; nasce como fruto de uma pintura ou escultura, estando mais próximo de cada estudante do que eles pensam.

Fazer teatro não é para iluminados ou para aqueles que têm dom. Todos podem, a partir de suas qualidades, fazer teatro, e é fundamental mostrar isso aos estudantes, para que acenda neles o desejo de também realizarem peças teatrais como atores, autores e diretores.

O teatro na EJA pode seguir as mesmas orientações práticas que a música e a dança têm, fazer com que os educandos se apropriem de conceitos e vivências e possam apresentar suas produções para a comunidade local. O trabalho com o teatro é, ao mesmo tempo, didático e libertador, pois traz em si o poder de aprendizagem de novos conteúdos, culturas, tradições e formas de expressão, como também põe em evidência aquilo que é visto, vivido e sofrido pelo povo. O teatro não é somente uma obra artística para a diversão e o entretenimento, mas – e preferencialmente na educação –, este deve apontar mudanças de vida, das realidades de professores e estudantes, e ser fator de mobilização.

A aula de artes a partir da linguagem do teatro precisa contribuir para que os sonhos voltem a povoar as mentes, não como mera abstração, mas para aguçar a criatividade e sensibilidade dos educandos, que, em muitos casos, perderam essa condição. O despertar teatro é fazer com que os pensamentos e sonhos, as indignações e lutas possam tomar o espaço da arte, ganhando cena na história de vida de cada um. A Língua Portuguesa oferecerá auxílio aos autores na produção de textos, o que também motivará a leitura.

Cada uma das linguagens artísticas pode ser trabalhada, segundo as orientações citadas, mas estas precisamente devem atentar para o trabalho na EJA, o cotidiano dos educandos. Seria interessante que o

professor construísse conhecimentos de todas as linguagens para poder oferecer metodologias nas quais cada uma das linguagens pudessem ser atendidas. Os educandos precisam ter contato com todas as formas de fazer artes e, assim, escolher a que mais tem a ver com a sua realidade e que pode melhor expressar suas experiências e vivências na sua comunidade.

6 INCONCLUSÕES

Podemos ver as grandes contribuições do ensino de artes para o desenvolvimento intelectual, afetivo e emocional dos educandos. Ler, fazer e contextualizar é um caminho certo para que a arte entre de forma consistente em nossos ambientes escolares. É preciso fazer a arte mais próxima, pois, quando temos contato direto e podemos relacioná-la com aquilo que vivemos, sentimos e somos; a arte é mais viva e mais presente, deixa de ser um artefato, algo que só os iluminados podem fazer, e fica simples, mas capaz de proporcionar inúmeras alegrias, suscitar pensamentos, convocar para a luta por mudanças e ser ponte para novas discussões. Trazer as experiências de cada um para a arte é fazer uma arte cada vez mais contemporânea, onde todos estão envolvidos no processo criativo, todos podem fazer arte e de boa qualidade. Para que isso aconteça, algumas motivações se fazem necessárias.

Neste sentido, o trabalho em artes deve partir da perspectiva da Interdisciplinaridade, pois conceitos de Artes são apresentados literalmente quando estudamos História, pois a arte está ligada ao tempo histórico, às mudanças socioculturais, à religiosidade e às lutas pelas melhorias sociais. Observamos também o grande uso da Língua Portuguesa e da Literatura, com textos, músicas, poesias, peças teatrais e o estudo de escolas literárias e autores que usaram a palavra como ferramenta para fazer artes. O próprio incentivo à leitura pode ser usado como uma atividade de artes. Os educandos podem ler poesias, peças teatrais e, após a leitura de romances, usar essa história para fazer encenações.

As ferramentas para o bom Ensino de Artes são essas e muitas outras já apresentadas em discussões que embasaram

nosso artigo, mas, para que tudo isso ganhe corpo, é necessário um investimento nas condições das escolas, bem como na formação de professores. Pensamos uma escola e professores com condições para tratar o Ensino de Artes como fundamental. É necessário trazer esses dois – escola e professor, cada vez mais próximos dos seus estudantes. A escola, na sua totalidade, precisa entender e vivenciar cultura, pois é a partir da experiência cultural de cada um que a arte vai ganhar novas formas.

É fundamental investir em ferramentas pedagógicas e metodológicas para se fazer artes de qualidade e formar bem os professores, para que, primeiramente, saibam abordar as realidades próprias da EJA e atingir o pedido dos estudantes. Também é de suma importância oferecer-lhes variadas representações artísticas, proporcionando um universo cultural vasto, para que eles possam, partindo de sua cultura e experiência, atualizar e desenvolver novas artes.

A arte é um "sentimento" subjetivo, pois tem vários olhares e sensações. No entanto, no ambiente escolar, é uma ciência que ainda carece de aceitação crítica, pois a mesma ainda se configura como uma ciência talvez enfadonha, sem sentido aos alunos. Essa visão predeterminada seria desconstruída, primeiramente, ao se trabalhar a cultura da música, do teatro, bem como por meio de visualizações a partir do espaço de vivência do estudante, suas questões e dilemas cotidianos que enfrentam.

7 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Maria. **Arte, Educação e Contemporaneidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Campinas: UNICAMP, 2000.

LARROSA BONDIA. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**.

Revista brasileira de educação. Nº 19. São Paulo: Jan-Abr, 2002.

PENTEADO, A. M.. & PUIG, Daniel. *Arte na Eja. Documento de Reorientação Curricular. Programa Sucesso Escolar*. Secretaria de Estado de Educação, Governo do Rio de Janeiro: 2005.

RIBEIRO, Vera Masagão (coor). **Educação de Jovens e Adultos**: proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental. São Paulo: Ação Educativa, Brasília: MEC, 1997.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1963.

8 DADOS DO AUTOR

ANTONIO REINALDO SANTOS ALVES

rei.liga@gmail.com

TAISE DOS SANTOS ALVES

UNEB - Campus XI - Serrinha
Departamento de Educação
taisealves85@gmail.com